

AGRONEGÓCIO, MIGRAÇÃO E TRABALHO: MODERNIZAÇÃO DA AGRICULTURA NO MUNICÍPIO DE IPAMERI-GO

Sheila Braz CRISTINO SILVA¹

Marcelo Rodrigues MENDONÇA²

Resumo

Esse artigo pretende trazer reflexões que objetivam prover elementos constitutivos para pesquisa em andamento, que busca a compreensão das transformações provocadas pela reestruturação capitalista e a sua territorialização no Sudeste Goiano através do agronegócio, abordando o trabalho como fator primordial na transformação do espaço e das relações. A crise estrutural do capital traz uma reestruturação das forças produtivas, que se traduz entre outras coisas, num processo de modernização da agricultura e *metamorfose* do trabalho num modelo de flexibilização que o precariza. Nesse contexto, as terras do Cerrado do Sudeste Goiano passam a ser ocupadas e ocorre a instalação do agronegócio que se territorializa nas chapadas do Município de Ipameri. Ocorrem transformações sócioespaciais importantes, merecendo destaque a migração de empreendedores *sulistas* e trabalhadores *nordestinos*, que buscam trabalho em terras goianas. Os resultados que apresentamos neste artigo, ainda que parciais, foram obtidos a partir da revisão bibliográfica de autores que trabalham com as temáticas propostas, tais como Mendonça (2007), Thomaz Junior (2009), Antunes (1995 e 2002), Harvey (1992) entre outros, bem como levantamento de informações obtidas mediante observação direta, entrevistas semiestruturadas realizadas no distrito de Domiciano Ribeiro e na sede do Município de Ipameri. O texto está dividido em duas partes, a primeira discute de forma breve, a *metamorfose* do trabalho no contexto da reestruturação produtiva do capital e a segunda traça um paralelo entre *sulistas*, *nordestinos* e *cerradeiros* em suas inter-relações que se expressam social e laboralmente, bem como no processo de construção das territorialidades. Abordamos essa temática como auxílio na compreensão do movimento que envolve as relações sociais trabalhistas que ocorrem no Município de Ipameri onde a pesquisa tem seu campo de investigação.

Palavras chave: Trabalho; reestruturação capitalista; agronegócio; migração.

1 INTRODUÇÃO

Esse artigo pretende trazer reflexões que objetivam prover elementos constitutivos para a pesquisa em andamento sobre as transformações provocadas pela reestruturação capitalista e a sua territorialização no Sudeste Goiano através do agronegócio, abordando o trabalho como fator primordial na transformação do espaço e das relações. Pensar as relações

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Goiás, *Campus Catalão*. Membro do Núcleo de Pesquisa Geografia, Trabalho e Movimentos Sociais (GETeM). Bolsista CAPES. Rua Hungria, 124 Apto 04, Vila Chaud, catalão GO, Fone 64 92774626, e-mail sheilabal@ibest.com.br. O artigo deve se relacionar ao Eixo Temático **Trabalho, Tecnologia e Reestruturação Produtiva**.

² Professor Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal de Goiás – UFG/CAC; Coordenador do Grupo de Pesquisa Geografia, Trabalho e Movimentos Sociais – GETeM. ufgmendonca@gmail.com

sociais e de trabalho entre os *cerradeiros*³, *sulistas*⁴ e *nordestinos*⁵ e assim, buscar ampliar a compreensão da realidade a partir das experiências empíricas em diálogo com as reflexões da teoria.

O avanço do agronegócio atraiu migrantes *sulistas* e *nordestinos*, que aqui encontraram os *cerradeiros*. Nesse contexto se estabelecem relações sociais de produção e de trabalho que necessitam ser melhor compreendidas. Portanto, esclarecer as formas como se dão essas relações entre os sujeitos do processo de transformação das chapadas em espaços agrícolas modernizados é uma tarefa importante.

Os resultados que apresentamos neste artigo, ainda que parciais, foram obtidos a partir da revisão bibliográfica de autores que trabalham com as temáticas propostas, tais como Mendonça (2007), Thomaz Junior (2009), Antunes (1995 e 2002), Harvey (1992) entre outros, bem como levantamento de informações obtidas mediante observação direta, entrevistas semiestruturadas realizadas no distrito de Domiciano Ribeiro e na sede do Município de Ipameri. Nesse sentido, para Minayo (1994), a observação direta como um instrumento de pesquisa qualitativa:

[...] Responde a questões muito particulares. Ela se preocupa [...] com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (MINAYO 1994, p. 21-22)

As experiências a campo tem revelado a grande importância da aproximação entre o sujeito pesquisado e o sujeito pesquisador⁶. Em alguns momentos as entrevistas não seguem um roteiro estruturado, permitindo que os entrevistados estejam mais à vontade para expor suas experiências e opiniões segundo as perspectivas de participantes da situação em estudo. As notas de campo se traduzem em instrumentos fundamentais de registro de observações e reflexões.

³ De acordo com Mendonça (2007, p. 27) “[...] compreende-se esses povos (indígenas, quilombolas, camponeses, trabalhadores da terra propriamente tradicionais, etc.) como aqueles que historicamente viveram e vivem nas áreas de Cerrado, constituindo formas de uso e exploração da terra a partir das diferenciações naturais-sociais de produção e de trabalho muito próprias e em acordo com as condições ambientais, resultando em múltiplas expressões culturais”.

⁴ Neste artigo os *sulistas* – designam migrantes do Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, paulistas e seus descendentes.

⁵ Chamaremos *nordestinos* – os migrantes da Bahia, Maranhão, Ceará entre outros.

⁶ Essa relação entre sujeito pesquisador e sujeito pesquisado sob a perspectiva dialógica a que me refiro, e mesmo o uso dos termos são apoiados estudos de Bakhtin sobre “O discurso em Dostoiévski”, no qual discute as relações que determinam as particularidades da construção da linguagem. (Bakhtin, 2005)

O texto está dividido em duas partes, a primeira discute de forma breve, a metamorfose do trabalho no contexto da reestruturação produtiva do capital e a segunda traça um paralelo entre *sulistas, nordestinos e cerradeiros* em suas inter-relações que se expressam social e laboralmente, bem como no processo de construção das territorialidades. Neste trabalho, abordamos essa temática como auxílio na compreensão do movimento que envolve as relações sociais e trabalhistas que ocorrem nas Chapadas do Sudeste Goiano, no Município de Ipameri onde a pesquisa tem seu campo de investigação.

2 COMO CHEGAM AS TRANSFORMAÇÕES

O mundo do trabalho, em função das modificações estruturais, ocorridas em escala mundial que demandaram a reorganização das forças produtivas e econômicas e do processo de “globalização”,⁷ sofreu uma série de transformações que se verificam em todos os setores da economia. As consequências advindas desses processos atingem o trabalhador de maneira direta ou indireta, dentre elas podemos destacar: o desemprego estrutural, a intensificação do ritmo de trabalho, o crescimento do trabalho temporário e de tempo parcial, a polarização em termos de qualificação e outras tantas. Entretanto, em decorrência da análise que propomos, daremos ênfase aos desdobramentos que diretamente afetam o setor agropecuário.

Nas últimas décadas do século XX, em decorrência da crise estrutural do capital, iniciada na década de 1970, as novas exigências do capital já não eram atendidas pelo modelo fordista, o que gerou um processo de reestruturação, inaugurando uma nova fase de universalização do capital. É necessário pensar as relações capital/trabalho, que emergem dessa crise “estrutural, profunda, do próprio sistema do capital (...) exigindo (...), algumas mudanças fundamentais na maneira pela qual o metabolismo social é controlado” (MÉZAROS, 2002, p. 796), ou seja, o modelo de acumulação “flexível”, que transmuta o trabalho em sua forma de ser, precarizando-o, submetendo-o, desregulamentando-o, demonstra a perversidade do processo de reprodução do capital. Antunes (2002) aborda essa temática:

⁷ É a nosso ver o capitalismo atual se relaciona a globalização, o que torna difícil a tarefa de teorizar sobre a globalização sem considerar a reestruturação do capitalismo.

Como resposta à sua própria crise, iniciou-se um processo de reorganização do capital e de seu sistema ideológico e político de dominação, cujos contornos mais evidentes foram o advento do neoliberalismo, com a privatização do Estado, a regulamentação dos direitos do trabalho e a desmontagem do setor produtivo estatal, da qual a era Thatcher-Reagan foi expressão mais forte; a isso se seguiu também um intenso processo de reestruturação da produção e do trabalho, com vistas a dotar o capital do instrumental necessário para tentar repor os patamares de expansão anteriores (Antunes, 2002, p. 31).

A esse modelo de acumulação flexível se relacionam mudanças muito importantes no universo do trabalho e também no papel do Estado ante as políticas de proteção do trabalhador e garantias de direitos, que caracterizavam o *welfare state*. Nesse sentido o próprio Estado também se flexibiliza. Sob essa lógica assistimos as transformações que ocorrem em nosso país e que chegam ao setor agrícola e às Chapadas do Sudeste Goiano, por meio da modernização do campo e integração da agricultura ao setor industrial. Segundo Harvey (1992) a acumulação flexível se constitui em:

[...] flexibilidade dos processos de trabalho, dos mercados de trabalho, dos produtos e padrões de consumo. Caracteriza-se pelo surgimento de setores de produção inteiramente novos, novas maneiras de fornecimento de serviços financeiros, novos mercados e, sobretudo, taxas altamente intensificadas de inovação comercial, tecnológica e organizacional. A acumulação flexível envolve rápidas mudanças dos padrões do desenvolvimento desigual, tanto em setores como em regiões geográficas (HARVEY, 1992, p. 140).

A materialização desse processo no campo dá através do agronegócio. Para Fernandes (2005, p.01), o agronegócio é o novo nome de um velho fenômeno, o “modelo de desenvolvimento econômico da agropecuária capitalista”. Para o autor, é uma palavra nova, da década de 1990 e é também uma construção ideológica para tentar modernizar a imagem que se tem do latifúndio, na tentativa de camuflar o caráter concentrador, predador e excludente desse tipo de exploração.

O agronegócio é marcado pela intensificação da produtividade e da incorporação de tecnologia aplicada à produção, objetivando atender as demandas geradas pela reestruturação do capital, traz um novo arranjo produtivo e social no campo e na cidade, que afeta os trabalhadores através da flexibilização das relações de trabalho, ou seja, maximização dos

lucros, recriando mecanismos de acumulação que se manifesta em uma *metamorfose*⁸ das relações de trabalho que ocorrem não apenas no setor industrial, mas também repercute e se manifesta no trabalho agrícola. Segundo Antunes (1995):

Foram tão intensas as modificações, que se pode mesmo afirmar que a *classe que-vive-do-trabalho* sofreu a mais aguda crise deste século, que atingiu não só a sua *materialidade*, mas teve profundas repercussões na sua *subjetividade* e, no íntimo inter-relacionamento destes níveis, afetou a sua *forma de ser*. (ANTUNES, 1995, p. 15, grifo do autor).

Com a implantação das grandes lavouras comerciais na região das Chapadas do Sudeste Goiano mais precisamente em Ipameri, ocorreram transformações importantes no espaço urbano e rural. Desse modo, no espaço rural, pequenas e médias lavouras de alimentos, pastagens e vegetação nativa vão cedendo lugar às grandes lavouras de *commodities*. Além das alterações na fitofisionomia, no uso do solo e de promover aumento na concentração fundiária, essas transformações atingem as relações de/no trabalho e também o balanço populacional entre o rural e o urbano.

A tecnificação das lavouras, indiscutivelmente trouxe um salto na produção e na produtividade do município. Mas, por outro lado, *liberou* mão-de-obra do campo, já que a mecanização da lavoura demanda um menor número de trabalhadores. Reduzindo os postos de trabalho, vantagens e salários. Desterritorializou um grande número de *trabalhadores da terra* que habitavam a área tecnificada, provocando a migração destes para a cidade, que não possui condições efetivas de prover equipamentos urbanos para receber esse contingente e nem condição de absorver toda essa mão-de-obra em outros setores.

A grandiosidade das lavouras atrai também trabalhadores de outros estados e municípios, que migram para a região das Chapadas. Essas migrações podem ter caráter definitivo ou temporário na maioria das vezes, o segundo. Os trabalhadores aparecem “quando têm serviço” e vão quando não tem, conforme eles relatam. Entretanto, a espoliação da mais-valia de seu trabalho, concorrência com os trabalhadores locais, a “falta de qualificação técnica”, a flexibilização das normas e das condições impostas, são desafios que eles enfrentam na luta pelo trabalho.

⁸ Para um aprofundamento sobre a questão no mundo do trabalho no capitalismo contemporâneo, leia ANTUNES, Ricardo. As metamorfoses no Mundo do trabalho. In: Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. São Paulo: Cortez, 2005.

3 O ENCONTRO ENTRE CERRADEIROS, SULISTAS E NORDESTINOS NAS CHAPADAS DE IPAMERI

A área de pesquisa é o município de Ipameri, Goiás. Sua população estimada em 2009 (IBGE) era de 24.021 habitantes, dos quais a 21.337 vivem na zona urbana. O município está localizado os rios Corumbá, Veríssimo e São Marcos situando-se na Microrregião homogênea 359 - Estrada de Ferro (Catalão), no Sudeste Goiano e Mesorregião Sul Goiano. Limita-se ao Norte com Cristalina e Luziânia, a Noroeste com Orizona e Urutaí; a Oeste com Pires do Rio e Caldas Novas; a Sudoeste com Corumbá; ao Sul com Goiandira e Nova Aurora; a Leste com Catalão; a Nordeste com Campo Alegre de Goiás, Cristalina e Paracatu-MG. O Bioma Cerrado é predominante na extensão territorial de Ipameri. Tendo em vista a sua localização, no contexto viário do Estado e da Região, o município é ponto de confluência de rodovias importantes e além da ferrovia, estando ligado a Goiânia, Brasília e o Triângulo Mineiro a por malha rodoferroviária.

Ipameri não tem mais a força e a relevância que teve no passado, como polo econômico regional. Nas últimas décadas Pires do Rio, Catalão e Caldas Novas cresceram bem mais.

As condições pedológicas e edafoclimáticas associadas aos investimentos técnicos e científicos propiciaram elevada produtividade de grãos, tornando a região uma *vitrine* do agronegócio. Isso é verdadeiro, mas quer-se investigar e perceber o que está por detrás dessa *vitrine*, as condições de trabalho, os conflitos socioambientais e as territorialidades em disputas. Bem como ideias e discursos incoerentes sobre a *incompetência* dos goianos em fazerem produzir as áreas de chapadas no Cerrado. Evidentemente, a ocupação dessa mesma área pelas grandes lavouras comerciais, que envolvem grandes somas de capital e domínio das técnicas, o uso de insumos que são necessários para fazê-las produzir, demonstra que o que faltava aos goianos foi capital para financiar a aquisição da tecnologia empregada. Esses discursos são parte integrante das estratégias que o capitalismo utiliza em sua constante busca de apropriação de vantagens econômicas.

A ocupação do Cerrado nas chapadas do Sudeste Goiano, reflete o momento de transições, não apenas de sistemas produtivos, mas também de lógicas humanas sobre os usos da terra. As relações sociais de produção e de trabalho também se metamorfosearam,

envolvendo os sujeitos que atuam no processo: de um lado os *sulistas* e *nordestinos*, que migram para a região devido às contingências das novas relações capital/trabalho aqui territorializadas; e de outro, os *povos cerradeiros*, que historicamente habitam o Cerrado e produzem as suas formas de vida em acordo com as condições naturais/sociais.

As terras do Cerrado goiano, - talvez caiba empregar aqui a expressão *sertão goiano*⁹ pela carga de significados que o termo traz - anteriormente eram cultivadas pelos agropecuaristas locais de forma tradicional, a agricultura que se baseava na produção de arroz, feijão, milho, mandioca e outros gêneros nas terras mais baixas e férteis, e agropecuária extensiva nas pastagens naturais e nas chapadas. A diferenciação quanto aos usos dos solos era baseada nas condições naturais e nas poucas técnicas para romper com as barreiras impostas a exploração agropecuária que elas representavam.

[...] Pode se inferir diferentes formas de uso e exploração da terra a partir das unidades geomorfológicas consideradas. O meio natural impunha impedimentos ao processo produtivo (agropecuária), pois não havia condições técnicas para assegurar a produção nas áreas de chapadas. Assim tradicionalmente os proprietários rurais tradicionais e os *trabalhadores da terra* relegaram essas áreas [...] (MENDONÇA, 2004, p.131).

A relação dos *povos cerradeiros* com a terra, a família e o trabalho é um fator importante. Entretanto, a modernização das práticas agrícolas e a forma com que o capitalismo por ela representado *desconstrói* essas relações, substituindo-as por um tipo de relação pouco familiar a eles: a relação capital/trabalho provoca um grande impacto, pois, a terra passa a ser tratada como mercadoria, cada vez mais concentrada nas mãos de poucos e desrespeitada em suas características naturais; a família, *desterritorializada*, não tem mais lugar no campo, migra para a cidade; e o trabalho, *alienado*¹⁰ *estranhado*, *precarizado* e

⁹ O sertão também vem sendo recortado como elemento de uma totalidade que se situa num outro lugar propriamente falando, distanciado de tudo (o contraponto ainda é feito por oposição) e em todos os sentidos possíveis.[...] Há o sentido espacial – o sertão é o interior longínquo e despovoado, ou povoado por um raça mestiça, ou o *lócus amoenus* das bucólicas greco-romanas; o sentido econômico – o sertão mantém uma economia distante da economia da metrópole e do litoral, agrária e subdesenvolvida em face da economia industrial e mais desenvolvida da metrópole; o sentido social – o sertão mantém outro tipo de associação de membros, uma associação mais comunitária, outro de usos e costumes; a aliança sociopolítica – o poder dos coronéis, o desvalimento dos camaradas, a luta social dos estados periféricos; o sentido psicossocial, na perspectiva da antropologia – o sertão detém um universo psíquico mais ritualizado, com formas de pensamentos mais míticas e agônias; o sentido histórico – o sertão detém a chave de nossa origem histórica típica e genuína, a partir das entradas e bandeiras, por exemplo, e o sentido do imaginário propriamente falando – quando o sertão avulta como local de vida heróica ou trágica, de vida salutar e genuína, ou de vida identitária. E outros tantos, que salientam uma perspectiva romântica, ou realista, ou conservadora, ou de denúncia social, ou determinista etc. (VICENTINI, 2007, p. 189).

¹⁰ THOMAS JUNIOR, (2009) E MENDONÇA (2004), trazem uma excelente reflexão sobre o trabalho e sua metamorfose no seio do processo de modernização da agricultura.

desterritorializado. Além dos fatos mencionados, ainda há que se ressaltar as questões ambientais que se efetuam a partir da “ocupação racional” e indiscriminada do Cerrado.

Os impactos das transformações sobre a estrutura do emprego rural foram marcantes, com a redução global dos postos de trabalho, associada à urbanização da mão-de-obra. A esses efeitos quantitativos, somam-se as mudanças na sazonalidade e a exigência de maior qualificação. Este último revela-se de importância central, numa sociedade onde a educação não representa um elemento generalizado à maioria da população, e o conjunto dos desempregados e dos subempregados corresponde exatamente a esse perfil de trabalhadores (GONÇALVES, 1997).

Durante os trabalhos de campo essas situações ficam bem evidenciadas nos depoimentos de moradores antigos do município, que vivenciaram esse processo e que relatam a rapidez com que essas transformações aconteceram.

-Olha, eu sou nascido e criado em Ipameri, meu pai tinha umas terras ali pro lado de Cavaiero, agente morava lá, e lá, nós tinha de um tudo! Não comprava quase nada na cidade, depois, as coisas foi mudando, as lavora grande foram chegando e meu pai mandou a mãe, eu e meu irmãos pra morar na cidade e estudar. Depois ofereceram um bom dinheiro nas nossas terra, que nós achava que não valia muito e meu pai vendeu e veio pra Ipameri. Comprou uma casa na saída da Usina e outras coisinhas. Quando viu o dinheiro acabou. Hoje nossa antiga terra tem lavora de soja, milho, cebola, de tudo. Agora nós, porque ele já morreu, trabalha nas lavora dos outros e talvez até trabalhar nas terra que foi nossa(Divino Amado Dias, em 23 de junho de 2011).

Os *Povos Cerradeiros* presenciam a diminuição Cerrado e de seu modo de se relacionar com a terra e o aumentar das desigualdades e do empobrecimento que ocorrem em todos os aspectos e que marcam as relações estabelecidas nesse tempo e nesse espaço novo, ao qual não tem acesso.

Esse progresso trouxe consigo o fenômeno da migração de *outras gentes* para as terras das Chapadas. Promoveu a chegada de empreendedores rurais, em grande parte, *sulistas* e trouxe também trabalhadores vindos de muitos lugares em busca de trabalho. Entre eles, um grande número de *nordestinos*, sendo possível atestar a campo que existe nesse contingente, uma maioria de trabalhadores maranhenses na área pesquisada, especialmente naquela que no meio agrícola do município é chamada de “alto Ipameri”¹¹.

¹¹ No meio agropecuário de Ipameri, foram criados dois termos para designar as diferentes áreas do município: *Alto Ipameri* (Região da Chapada, especialmente mais próximas aos municípios de Cristalina e campo Alegre), e *Baixo Ipameri*, (as terras mais próximas à sede do município).

É importante ressaltar que a mobilidade [...] como uma relação social mediada por diferentes motivos (econômicos, culturais, ambientais etc.). No caso dos trabalhadores migrantes, [...] consideramos que essa mobilidade ocorre por motivos socioeconômicos, ou em outras palavras, condicionada pela precarização das condições de vida e de subsistência dos mesmos e de suas famílias em seus locais de origem [...] (OLIVEIRA 2009).

A chegada dos *sulistas* acompanha a expansão das áreas de produção agrícola no Cerrado goiano e sua modernização, intermediada por políticas públicas, que criaram o PRODECER, POLOCENTRO, PROAGRO; forneceram aparato científico com a criação da EMBRAPA e do CPC. Em outras palavras, o Estado financiou a territorialização do capital via agronegócio. Esses empresários agrícolas vindos do sul estavam mais adiantados tecnologicamente, uma vez que a modernização chegou primeiro às terras do sul do país, e por tanto considerados “mais capacitados”. Situação que os colocava em contraste com os agricultores locais:

[...] Os sulistas – empresários rurais oriundos dos Estados da região Sul e de São Paulo, que possuíam experiência na agricultura moderna, já iniciada nessas áreas com o cultivo do trigo e da soja, se deslocam para o Cerrado, atraídos pela disponibilidade de recursos técnicos e tecnológicos e pelas políticas de fomento do Estado; adquirem as terras baratas e iniciam o processo de transformação das paisagens de Cerrado em grandes campos de cultivo [...] (MENDONÇA 2004).

Assim, as diferenças entre *sulistas* e *cerradeiros* já se deixam entrever. E de fato, diferenças fazem diferença. Diferentes tempos se encontram no mesmo espaço, onde o “arcaico” e o “moderno” se encontram e se manifestam sob variadas formas de ser e viver. A chegada dos migrantes, e suas diferentes culturas é carregada de observações, como nos relata a fala poetizada do *velho camponês*¹², narrada por Helena Angélica de Mesquita (2009, p. 20):

*Esse povo que vei pra cá,
us gaúcho, us paulista,
é gente muito deferente im tudo, pur tudo.
É deferente na fala, nu modo de vivê...
Ez é prestativo, é boa amizade,
É muito iducado, trata bem us impregado
E pega no eito junto c'us pião.
Ez tem calo nas mão.
Ez tem muito dinheiro no banco.*

¹² Depoimento colhido em 05/12/1988 (Chapadão de Santo Antônio do Rio Verde/município de Catalão/GO) In: MESQUITA, H. A. de. **A Modernização da Agricultura: um caso em Catalão Goiás.** 1993. 145 f. Dissertação (Mestrado em História das Sociedades Agrárias) - Instituto de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal de Goiás. Goiânia e em artigo da revista Terra livre conforme comparece nas referências.

Os fatores que levam à migração de fato são importantes, pois de certa forma oferecem pistas sobre as buscas de toda essa gente que deixa o seu torrão e vem para essa região trabalhar, seja como bóia-fria, seja como arrendatário ou proprietário das terras que empregam tantos outros. Aqui são tecidas relações que perpassam o âmbito do trabalho, da identidade cultural, da produção dos espaços e tantas outras.

As condições em que as migrações se realizam, diferem entre os migrantes *sulistas*, que muitas vezes trazem a família e algum dinheiro para, como eles dizem, “começar”, adquirem terras ou arrendam procurando aplicar toda a técnica que dominam e muito trabalho. Os *nordestinos migram* em condições mais desfavoráveis: na maioria das vezes não trazem a família e quando o fazem, as condições são de extrema precariedade. Não trazem dinheiro, mas seus braços para o trabalho e sua entranhada a coragem de se empreender em novas terras buscando o sustento e a “melhoria”.

Assim, por exemplo, as qualidades do caboclo do nordestino são aquelas necessárias para se enfrentar o trabalho braçal em condições extremamente adversas. (SILVA, 2003, p.114)

As diferenças se materializam nos espaços de moradia, de trabalho, em que os *chegantes* estão inseridos e manifestam as contradições existentes. Os *nordestinos*, de acordo com depoimentos colhidos a campo em áreas urbanas do município, se deslocam em ônibus ou vans, que os “gatos” fretam para viagens ao nordeste, com o objetivo de trazer os trabalhadores captados. Geralmente os trabalhadores já têm parentes ou amigos que vieram antes deles. Assim, quando chegam eles se alojam, precariamente nos “barracos” dessas pessoas conforme o depoimento de uma trabalhadora:

É importante ressaltar que a mobilidade [...] como uma relação social mediada por diferentes motivos (econômicos, culturais, ambientais etc.). No caso dos trabalhadores migrantes, [...] consideramos que essa mobilidade ocorre por motivos socioeconômicos, ou em outras palavras, condicionada pela precarização das condições de vida e de subsistência dos mesmos e de suas famílias em seus locais de origem [...] (OLIVEIRA, 2009, p. 23).

O relato colhido junto a uma moradora do distrito de Domiciano Ribeiro, atestado por outros entrevistados confirmam o que Oliveira escreveu e que cito acima e acrescentam alguns detalhes que a foto abaixo respalda:

-Quando as vans chega, eles já tem lugar pra ficar, ou é um parente ou é um amigo que acolhe, costuma acontecer que numa moradia onde tinha duas famílias, passa de um dia pro outro ter oito e até dez [...]. (Maria José Souza, em 18 de junho 2011).

A partir dessas contingências supracitadas, as relações entre os residentes e os migrantes se estabelecem tanto no âmbito social como do trabalho. Durante as incursões a campo, não ficam evidentes nas entrevistas os conflitos dessas relações. Talvez devido a uma insuficiente aproximação e estabelecimento de confiança, barreira essa que se pretende superar, uma vez que esses elementos são fundamentais para uma pesquisa que pretende desvelar relações.



Foto 01- Barracos, em Domiciano Ribeiro destinados a aluguel para trabalhadores rurais. Neste lote havia 10 moradias. Foto da autora, 2011.

Apesar do fato de os relatos serem vagos em relação aos conflitos, eles revelam um distanciamento de certa forma proposital entre os *sulistas* e os *nordestinos*, a fala dos interlocutores de ambos os grupos tentam mostrar certa amistosidade, mas acabam por dizer que as relações entre eles é de caráter mais laboral e que respeitam as diferenças culturais. Os

locais demonstram alguma resistência em falar sobre essas relações, entretanto relatam apenas que “estranham” um pouco o jeito de falar e alguns hábitos alimentares. No âmbito do trabalho as observações são ainda embrionária e portanto, com o avanço dos trabalhos de campo serão melhor verificadas e poderão integrar futuros relatos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As transformações advindas da reestruturação produtiva chegam ao Sudeste Goiano, às Chapadas de Ipameri sob o signo do agronegócio, que se territorializa e transforma a realidade local tanto no rural como no urbano. Essa transformação que a reorganização das forças produtivas do capital *metamorfoseia* as relações trabalhistas, flexibilizando, precarizando o já tão alienado trabalho.

O reordenamento territorial que o agronegócio desterritorializa os pequenos, explora os maiores, concentra mais ainda a propriedade da terra e se territorializa. É indiscutível que o mesmo promove um aumento de produção e produtividade no setor agropecuário local, mas potencializa as desigualdades já existentes e possibilita o surgimento outras.

A instalação das grandes lavouras em grande parte se faz por intermédio dos *sulistas*, que dominam as técnicas, uma vez que a modernização da agricultura no Brasil começa no sul do país. Uma vez instaladas elas atraem um grande contingente de trabalhadores, especialmente nordestinos que buscam emprego nessas terras. Esses dois grupos encontram os trabalhadores locais, muitos deles ex-proprietários de pequenas porções de terra, que hoje trabalham no campo e moram no perímetro urbano.

O encontro de pessoas de diferentes origens, culturas e provavelmente interesses, inevitavelmente nos aguça a necessidade de compreensão a respeito das relações entre esses diferentes sujeitos, na sociedade e no trabalho nesse tempo e espaço onde se dá a grande transformação das Chapadas do Cerrado de Ipameri, em território do agronegócio.

O conhecimento da realidade é um forte instrumento para a transformação da mesma. Assim, a tarefa de buscar compreender os espaços em que estamos inseridos e as relações e processos que os constroem e reconstroem se torna premente. Dessa forma, buscar compreender as relações entre os sujeitos do processo de transformação das chapadas do

Cerrado de Ipameri em espaços agrícolas modernizados em sua complexidade, destinados à produção de *commodities* e os conflitos decorrentes, é um desafio.

5 REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho?** Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. Campinas, Cortez, 1995.

_____. (2002) **Os Sentidos do Trabalho** (Ensaio sobre a Afirmação e a Negação do Trabalho), Ed. Boitempo, São Paulo, 6ª ed.

BAKHTIN, Mikhail. O discurso em Dostoievski. In: Problemas da poética em Dostoievski. Tradução: Paulo Bezerra. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

FERNANDES, Bernardo Mançano, *Agronegócio e Reforma Agrária*, artigo publicado na página do MST (<http://www.mst.org.br/mst/pagina.php?cd=501>) em 09/07/2011.

GONÇALVES, J. S. **Mudar para manter:** pseudomorfose da agricultura brasileira. São Paulo: CSPA/SAA, 1999.

HAESBAERT COSTA, R. **“Gaúchos” no nordeste:** modernidade, des-territorialidade e identidade. 1995. Tese (Doutorado em Geografia). Universidade de São Paulo, Departamento de Geografia, São Paulo, 1995. 385p.

INOCÊNCIO, Maria Erlan. **O PRODECER e a territorialização do capital em Goiás:** o projeto de colonização Paineiras. f. 2002. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Instituto de Estudos Sócio-Ambientais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2002.

MARTINS, José de Souza. **Impasses sociais e políticos em relação à Reforma Agrária e a agricultura no Brasil.** Disponível em: <<http://www.nead.org.br>> Acesso em: 19/05/2011.

MARX, K. O Capital: crítica da economia política. Livro primeiro, Tomo I. Tradução Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. São Paulo, ed: Abril Cultural, 1983.

MEQUITA, H. A. de. **Onde estão as flores, as cores, os saberes e os sabores do Cerrado? O agro/hidronegócio comeu!** Terra Livre. São Paulo/SP. Ano 25, V.2, n.33, p.17-30. Jul/Dez/2009.

MENDONÇA, M. R. **A urdidura espacial do capital e do trabalho no Cerrado do Sudeste Goiano.** 2004. 457 f. Tese (Doutorado em Geografia). Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2004. Disponível em: http://www4.fct.unesp.br/pos/.../04_MARCELO_RODRIGUES_MENDONCA.pdf>. Acesso em: 21/06/2011.

MÉSZÁROS, István. **Para além do capital.** São Paulo: Boitempo Editorial, 2002.

MINAYO, M. C. de S. (Org.). **Pesquisa social: teoria método e criatividade.** 17ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. 80 p.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. **As transformações territoriais recentes no campo brasileiro.** São Paulo: FFLCH/USP, 1998. Prova de erudição apresentada para o concurso de cargo de Professor Titular junto ao Departamento de Geografia da USP.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal.** 2 ed. Rio de Janeiro: Record, 2000, 174 p.

SILVA, Idelma Santiago. **Fronteiras culturais: alteridades de migrantes nordestinos e sulistas na região de Marabá.** *Espaço Plural*. Marechal Cândido Rondon, nº 15, p. 21-24, 2º Semestre de 2006.

SANTOS, Milton. **Espaço e método.** São Paulo: Nobel, 1985.